

# NA RÚTILA FULGURAÇÃO DO SER: TOPICOS PARA UMA LEITURA DO POEMA «OS PESCADORES» DE FERNANDO ECHEVARRÍA

MARIA JOÃO REYNAUD

FLUP/CITCEM  
reynaud@letras.up.pt.

«*Um augusto pendor a eternidade: algumas reflexões sobre Lugar de Estudo de Fernando Echevarría*»<sup>1</sup>

1. O título deste texto foi retirado de um poema de *Lugar de Estudo* (2009), livro publicado por Fernando Echevarría no seguimento de *Obra Inacabada* e que vem justificar, plenamente, o título da mesma. Foi nesse denso volume em papel-bíblia, com mais de 890 páginas, que o poeta reuniu, em Outubro de 2006, toda a sua poesia anterior, acrescentando-lhe um conjunto inédito de poemas<sup>2</sup> e incluindo «Epifanias», cuja edição assinalou, em Março do mesmo ano, os cinquenta anos de uma vida literária extraordinariamente discreta e fecunda, iniciada em 1956 com a publicação da colectânea *Entre Dois Anjos*. O primeiro texto que escrevi sobre esta poesia, publicado na «Colóquio-Letras» como recensão crítica, centrava-se na ideia de que *Figuras* (1987)<sup>3</sup> é um livro que se dá a ler como uma «ontologia poética»<sup>4</sup>. O tempo desde então transcorrido e a recente publicação de «Figuras III» (cf. *Obra Inacabada*) só vieram confirmar a intuição de que *a aspiração ao infinito* é o

---

<sup>1</sup> ECHEVARRÍA, 2009. Cf. «Colóquio-Letras», n.º 107, Jan.-Fev., 1987.

<sup>2</sup> ECHEVARRÍA, 2006: 353-368.

<sup>3</sup> ECHEVARRÍA, 1987.

<sup>4</sup> Cf. «Colóquio-Letras», n.º 107, Jan.-Fev., 1989.

princípio mobilizador de uma escrita poética que não deixa, porém, de ser convocada pelo real e de se abrir à multiplicidade das suas manifestações.

Começo, pois, por prestar homenagem a este poeta, que dedicou meio século de vida ao ofício da poesia, nele sublimando a dor de um prolongado exílio político a que o 25 de Abril veio pôr termo. A partir dos anos oitenta, quase todos os seus livros se tornam invulgarmente densos, à excepção de *Figuras* e de *Sobre os Mortos* (1991). Este facto ajuda a explicar a dificuldade da sua recepção por parte da crítica. Por outro lado, não podemos ignorar que a concepção de «espaço literário» que era comum às pessoas da minha geração já não existe. Muitos factores contribuíram para o seu aniquilamento, tendo a noção de «mundo da obra» vacilado com a perda do poder fundador do *dizer poético*. Contudo, só este pode intuir uma verdade que não é objecto nem do conhecimento científico nem do conhecimento filosófico, uma vez que «se propõe como obscura latência» (Giorgio Agamben), ou como realidade *abscondita* que a palavra epifaniza.

2. Essa verdade oculta, perseguida por Fernando Echevarría desde os primeiros livros, confere à sua obra uma tonalidade ímpar. A intuição criadora e o fundo saber operativo, que é fruto da «virtude» do poeta *artifex*, fazem dele um clássico contemporâneo – como vaticinaram Jorge de Sena e Óscar Lopes nos fins dos anos cinquenta. Na 1.<sup>a</sup> edição de *Líricas Portuguesas* (1958), Sena caracteriza de modo lapidar esta poesia, destacando o seu «barroquismo intenso e dominado» e considerando-a «como uma das mais sólidas do período», sem deixar de enaltecer as virtudes de uma técnica poética traduzida na «versificação rigorosa», nos «insólitos enjambements» ou nas «suspensões abruptas dos nexos lógicos»<sup>5</sup>. Por seu lado, numa crítica publicada no «Comércio do Porto» a *Tréguas para o Amor*, Óscar Lopes enaltece «o último apuro, verso a verso, palavra a palavra, de uma obra que se revise, ao cabo da vida, com um frio e implacável juízo que desprezasse facilidades, senhas de acesso prosaico e confidências da oficina do verso»<sup>6</sup>.

Muitos anos depois, em textos críticos de António Ramos Rosa ou Fernando Guimarães, iremos encontrar observações que se nos impõem como rigorosas coordenadas de leitura. Num ensaio intitulado «Fernando Echevarría ou o espaço imaginário», Ramos Rosa fala de uma «pura visão» com o poder de captar não apenas «a unidade do ser-no-mundo», mas também a «plenitude e ausência que a grande poesia consubstancia»<sup>7</sup>.

Num ensaio recente, Fernando Guimarães fala, por sua vez, de uma poesia que, contrariamente à de Nemésio, «não é de índole propriamente religiosa». A sua reflexão recentra-se na questão da referencialidade e no modo como ela dá lugar a formas de figu-

<sup>5</sup> Cf. SENA, 1958: 490-493.

<sup>6</sup> ECHEVARRÍA, 2006: XI.

<sup>7</sup> ROSA, 1979: 148 e 151.

ração poética em que o objecto passa a ser uma presença «ausente». E cito: «O objecto em poesia passa a ser figura, relação expressiva; e é neste sentido que podemos dizer que ele está ausente. A polissemia implica uma relação entre a presença e a ausência. A presença do objecto em poesia é a sua ausência»<sup>8</sup>.

De facto, o que subsiste do objecto é a experiência do seu aparecimento na língua poética que o profere. O poema é um *factum linguae*<sup>9</sup> onde as coisas alcançam esse «lugar sem lugares» que mais não é do que o da plenitude dolorosa da sua ausência, numa reconfiguração muito própria do *topos* da passagem irreversível do tempo:

*Passam os dias. As árvores / que estavam ali só estão / nas palavras. Nas mais graves / do que as que o eram então. / Não as tocam tempestades, / a não ser aquelas só / que só em seu verbo se abatem, / ficando imunes. Depois, / passam os dias. As árvores / não são onde eram, mas só / nesse lugar sem lugares / mais vivo porque nos dói (p. 174).*

3. Um título como *Lugar de Estudo* transporta consigo a ideia do recolhimento e da concentração que presidem à criação poética. Dir-se-ia que esta metáfora espacial repudia o *modo peregrino* de fazer poesia, ou a inspiração que nasce dos caminhos da errância ou da *flânerie* baudelairiana. O que está em causa é o lugar onde uma palavra, ainda silenciosa, emerge da fundura abissal do Verbo para ir ao encontro da língua do poema:

*Tudo vai dar ao esplendor da língua. / Mesmo a grande penúria que a sustenta / e abre a cesura da penúria ainda, / embora opere como quase ciência. / De aí seu esplendor. Na luz que vinga / abunda só o lustro da pobreza / e o de uma paciência padecida / mas, por isso, eficaz. E recompensa. [...] (p. 29).*

Mas este é também um lugar onde as coisas vistas, ou recordadas, acedem ao patamar de uma dizibilidade ainda vacilante. Ou não trouxesse essa palavra a cicatriz de uma orfandade que é a sua primeira substância:

*Ergueu-se o lugar a estudo. / O que dali não se via / errava, abrupto, à procura / de entrar pela nostalgia. // Ou da palavra que a funda. / E assume a fugaz partida, / dando presença a nenhuma / senão a da ausência viva. // E estuda-se. E o que se estuda / assenta lugar na escrita (p. 33).*

Nesse lugar «de estudo», que é o habitat do poeta, abre-se contudo uma janela para um horizonte infinito, onde se vislumbram «longínquas figuras a dobrar a noite»: «Agora – diz o poeta – o tempo, augusto, despediu-se / enquanto o infinito se abre em fausto» (p. 99).

<sup>8</sup> GUIMARÃES, 2007: 189.

<sup>9</sup> *Apud* AGAMBEN, 2005: 55.

Dos duzentos e setenta poemas inéditos que integram *Lugar de Estudo*, cerca de um terço evoca uma experiência de abertura ao mundo, onde a força da referência se intensifica pela presença de imagens topográficas e pela nomeação dos lugares a que elas se reportam. O sujeito poético adopta uma atitude puramente fenomenológica, para nos dar uma visão da Cantareira e do mar do Cabedelo que não é muito diferente daquela que Raul Brandão immortalizou n’*Os Pescadores* (1923). É este, aliás, o título de um conjunto de poemas onde se retrata o viver quotidiano dos que descendem dos pescadores de outrora. À sua leitura, somos surpreendidos pela intensidade das sensações visuais e pelos matizes semânticos de uma linguagem impressionista em que o jogo acústico dos significantes se apura. A dimensão pitoresca dos quadros de uma vida marítima ritualizada é resgata num presente de enunciação intemporal:

*Recolhem, gloriosas, as traineiras. Deslizam na manhã do Cabedelo, / esquecido o estrondo das procelas / que arrepanhou o assento / das águas. E das quilhas. Da certeza / dos músculos que rompem nevoeiro / e o enrodilham com a voz espessa / do cigarro molhado pelo vento. / Agora o sol rompe na barra. Estreia / a bruma a desprender-se dos pinheiros / e a tepidez sem fim da primavera / colhendo sinos pontuados de ecos.*

(«Os Pescadores», 1, p. 253)

Estamos perante uma visão em que, nas palavras de Manuel Antunes, «a potência do olhar se impõe, tão alta e intensa, que as coisa nos surgem mais reais»<sup>10</sup>. Mas a experiência do mundo sensível, que seríamos tentados a identificar com uma visão poética realista, depressa se transfere para um plano reflexivo, onde as fronteiras do tempo são derrubadas: os pescadores percebidos são submetidos a um processo de abstracção que «os subtrai ao labirinto da multiplicidade» (expressão que pedimos de empréstimo a Eduardo Lourenço), para os fazer aceder à pura condição de arquétipos; ou, o que não é exactamente a mesma coisa, à matéria subtil do *eidos*:

*Os pescadores vão rompendo rumo. / Rumo e sentido que resultam rasgo / de esplendor a redimir o vulto / da claridade intensa do seu halo. / Os olhos sustam o rodar do mundo / e o movimento acústico do mastro.*

(«Os Pescadores», 3, p. 255)

É pois no acontecer da linguagem que os pescadores atingem um grau de realidade infrangível e perene, que os eleva ao patamar de uma «transcendência objectiva».

Os poemas oscilam entre os vinte e os catorze versos, sendo o *verso* um elemento *métrico-musical* que se propõe como «lugar de memória e repetição». Escreve Giorgio

<sup>10</sup> ANTUNES, 1960: 125.

<sup>11</sup> AGAMBEN, 1997: 139.

Agamben que «A travers l'élément musical, la parole poétique commémore, en somme, son propre inaccessible lieu originare et exprime le caractère indicible de l'évènement de langage (il trouve, autrement dit, l'introuvable)»<sup>11</sup>. Acontecimento que abre a cada coisa a possibilidade de ser a imagem perdurável do próprio tempo:

*O tempo é imagem. Quanto passa aviva / um augusto pendor a eternidade / que o sustém nessa figura ambígua / sempre a visar a incorruptível tarde* (p. 18).

À medida que o poeta acrescenta obra à obra, vai-se tornado patente que o lugar que ela conquistou no panorama da poesia portuguesa contemporânea é absolutamente singular. A minha perspectiva não é a de quem intenta produzir ou impor um juízo valorativo, o que nada acrescentaria ao valor intrínseco de uma obra já consagrada por muitos prémios e por muitos críticos. É apenas a de alguém que intenta lê-la com os instrumentos de trabalho e a aplicação de quem tem por ofício ensinar literatura.

## Bibliografia

- AGAMBEN, Giorgio (2005) – *La Puissance de la pensée*. Paris: Bibliothèque Rivages, p. 55.  
 — (1997) – *Le Langage et la mort*. Paris: Christian Bourgeois Éditeur, p. 139.  
 ANTUNES, Manuel, S. J. (1960) – *Ao Encontro da Palavra* (primeiro volume). Lisboa: Liv. Morais Editora, p. 125.  
 ECHEVARRÍA, Fernando (2009) – *Lugar de Estudo*. Porto: Afrontamento.  
 — (2006) – «Figuras III», *Obra Inacabada*. Porto: Edições Afrontamento.  
 — (2006) – *Obra Inacabada*, prefácio de Maria João Reynaud. Porto: Edições Afrontamento, p. XI.  
 — (1987) – *Figuras*. Porto: Edições Afrontamento. Grande Prémio INASSETE/Poesia.  
 GUIMARÃES, Fernando (2007) – *Uma ontologia possível na poesia de Fernando Echevarría*. In *Sentido e Sensibilidade – do Romantismo à Actualidade*. Porto: Edições Caixotim, p. 189.  
 ROSA, António Ramos (1979) – *A Poesia Moderna e a Interrogação do Real* – I. Lisboa: Arcádia, pp. 148 e 151.  
 SENA, Jorge de (1958) – *Líricas Portuguesas*, 3.ª série. Selecção, prefácio e notas de [1.ª parte]. Lisboa: Portugal Editora, pp. 490-493.